

Escutar por imagens

Resenha de Eliana Borges Pereira Leite, *A Figura na Clínica Psicanalítica*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, 211 p.

Como as imagens visuais interferem no pensamento do analista, surpreendendo-o no curso da sessão?

Esta questão quase singela, resultante de inquietações clínicas, traduz tanto o movimento de emergência, como a direção da pesquisa de Eliana Borges Pereira Leite.

A este primeiro desassossegado outros se seguiram, ampliando e refinando o foco de suas indagações: como a visualidade permeia o funcionamento psíquico do analista e a própria relação analítica? Qual a função do pensamento por imagens para que se acesse ou para que sejam configurados os percursos inconscientes?

Ao dar corpo a questões inicialmente "imprecisas e dispersas", este estudo conforma um sério e valoroso esforço de, partindo-se de uma visada singular, pensar o próprio do trabalho psicanalítico. Ao procurar apreender o ruído visual, transformando-o em matéria psicanalítica significativa e comparável, Eliana pôde conceber um quadro ampliado do que se poderia denominar "método figural" ou "escuta figural" em psicanálise.

A imagem é da própria autora em sua recente apresentação no evento "Figuras Clínicas do Feminino no Mal-Estar Contemporâneo" no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae: quando criança gostava de passar as tardes em companhia de outras mulheres da família, numa ampla varanda envidraçada, aprendendo a tarefa feminina do crochê. A sala ao lado, uma biblioteca, era o ambiente dos homens, e para

ele seus olhos furtivamente se desviavam. Dos fios e dos livros são tecidas as imagens que Eliana nos proporciona, numa escrita também visual, que nos enreda, permitindo que estas suas visões, agora articuladas com um trajeto pelo pensamento, nos envolvam, gerando, também em nós, outros sonhos, fazendo com que esta visualidade, que parece ser tão sua, ganhe potência criadora se propagando na escritura e assim na leitura de seu texto, passando a interferir em nosso próprio fazer analítico.

É este eco de visualidade que permite afirmar que a questão da irrupção da imagem na escuta analítica não assinala apenas características peculiares de um psicanalista ou de um par analítico que se pautariam então, para o encaminhamento de seu processo, em pensamentos por imagens. Pois, não se trata apenas de que o

pensamento visual possa predominar em algumas pessoas – entre as quais a autora se alinha – ao lado de outras modalidades associativas, como Freud teria admitido já em *A Interpretação dos Sonhos*. A aposta de Eliana é mais alta: "o retorno aos restos visuais pode servir de referência à compreensão dos demais modos de acesso do inconsciente à consciência"¹.

Assim, da retomada das imagens que lhe proporcionaram o solo de visualidade necessário para o salto interpretativo ou de construção na intervenção clínica, Eliana passa a rastrear a questão da imagem e da figura na estética literária, na forma singular do pensamento, da criação e da escrita da obra freudiana e também na de pós-freudianos, na técnica psicanalítica. Procura compreender o método psicanalítico como um método de construção e interpretação figural, construindo seu percurso a partir do conceito de "consideração pela figurabilidade" – *Rücksicht auf Darstellbarkeit*, descrito por Freud no capítulo VI da *Interpretação dos Sonhos* – processo responsável pela transformação dos pensamentos do

sonho em imagens visuais. Mas é importante salientar que – e diferindo de uma primeira acepção freudiana, que rende ainda muito na atualidade –, tal como na sua compreensão das imagens oníricas, o pensamento visual não é concebido, pela autora, como mera reprodução ou tradução de idéias latentes em presenças pictóricas: o relevante, o estimulante nesta pesquisa, é que o pensamento em imagens é considerado como um material concreto que carrega em sua forma, e por sua forma específica de expressão, o seu saber.

Com esta ampliação de visada, demonstra-se que o pensamento visual – ou a escuta por imagens que sobrevém ao analista –, além de ser mais próximo dos processos inconscientes, e mais antigo que o pensamento verbal, tanto onto como filogeneticamente, "permitiria um entendimento não conceitual daquilo que, na linguagem, antecede sua forma falada". É neste sentido que a autora propõe, amparada no pensamento de Fédida, que "a escuta por imagens tem uma capacidade de recepção da 'coisidade sensorial das palavras', dimensão estética anterior à formalização sintática e semântica que se dá na comunicação, da qual a própria linguagem se distancia quando ingressa no regime da significação e da discursividade. O

retorno às imagens e sua colocação em figuras realiza um trabalho de desalienação da linguagem de sua função convencional e restaura sua capacidade de apresentar o desenho interno da fala. Como no sonho, restitui às palavras sua virtualidade e sua mobilidade, permitindo que se instale a atividade de renovação, ou antes, de engendramento constante da própria linguagem, que confere à escuta na análise sua especificidade².

Vê-se, então, que uma questão aparentemente simples, relativa ao fazer analítico, se ramifica e ganha em estatura ao trazer para cena a presença essencial de uma dimensão psicanalítica, muitas vezes minimizada em seu valor, que é a da configuração de significações num universo que não se restringe às palavras ou, enfim, à representação.

"A escuta figural opera neste intervalo entre a imagem e a palavra", procura ir além da antinomia imagem/pensamento, percepção/representação – na qual, ao longo dos anos, a psicanálise se viu engajada –, na tentativa de ampliar o campo de compreensão e intervenção da disciplina psicanalítica.

Ressaltando uma colocação de Lyotard, a autora aponta: "Fazer do inconsciente um discurso é omitir o energético, ceder à razão matando a arte e o sonho"³, pois – e por meio da intervenção de Pontalis – "resta sempre uma distância entre o sonho posto em imagens e o sonho posto em palavras".

É assim que Eliana vai inserindo e dando credibilidade à dimensão criadora da *Darstellung* freudiana. Opondo-se aos preconceitos de Freud em relação ao imaginário, propõe que a noção de figurabili-

dade permite que se ultrapasse sua concepção inicial em que a "interiorização do olhar", visualidade singular da psicanálise, seria apenas um recurso de expressão, um mero tradutor de idéias latentes, passando a ser compreendida como um modo de tornar visualizável e pensável, os inéditos do sonho, da escuta da clínica e da produção teórica psicanalítica.

A imagem visual, a figura, recobra, assim, um estatuto criador. Com ousadia, Eliana permite que se reafirme o paradigma do sonho, e o trabalho com o sonho, como referência segura para o fazer analítico, mas desde que se possa expandir o seu alcance. Ao pensar a visualidade como interveniente criador da clínica, a autora apresenta uma concepção de figura entre a apresentação e a representação, o que franquearia o espaço para a valorização de uma escuta figural, como "abertura em que tanto se pode reconstruir o sentido, quanto transformá-lo ou inaugurá-lo"⁴, ou seja, reconhecendo nesta escuta visual tão singular uma "natureza estética (...), condição de um fazer analítico de natureza poética, que relança o sujeito no movimento de sua própria historização"⁵.

Dialogando com uma bibliografia preciosa, na qual se destacam as contri-

buições de Fédida, Pontalis, Auerbach, Aulagnier, Schneider, Castoriadis, Mezan e Birman, Eliana embrenha-se com delicadeza e acuidade no texto freudiano, permitindo que a questão do olhar e da visualidade possa reencontrar na metapsicologia e também na clínica psicanalítica um verdadeiro espaço de pensabilidade. Pois a autora não descuida da clínica; se o impulso inicial para a criação desta obra deu-se justamente no embate com o ofício cotidiano da psicanálise, Eliana relança em outro patamar as suas inquietações de analista tecendo-as organicamente com as ressonâncias de sua pesquisa. Wilson, "o homem-sucata", Laís e seus indefectíveis óculos Ray Ban, Francis e suas desinstalações, corroboram, juntamente com as retomadas de cenas vividas em sua meninice, a construção desta perspectiva figural.

Mas é ao trazer uma lembrança de infância de Martin Freud, que Eliana oferece as pistas para a compreensão de seu trajeto e de nosso papel como seus interlocutores: "Quando meu pai descobria um exemplar perfeito de uma espécie de cogumelo, ele se precipitava em sua direção e o cobria com seu chapéu; em seguida emitia um sinal agudo com um pequeno apito que trazia no bolso do colete, o que servia para reunir ao seu redor o pequeno séquito. Nós acorríamos e papai esperava que estívéssemos todos lá para levantar o chapéu e deixar-nos examinar e admirar o achado"⁶.

Com olhar aguçado, Eliana – assim como o mestre Freud – encontrou um espécime bastante instigante em seu passeio pela psicanálise. Seu silvo res-

soa nas páginas de seu livro e nos chama para compartilhar de sua visão. Este é, então, um bom momento para que o chapéu seja levantado e que passemos, juntos, a revisitar a figura e a visualidade psicanalíticas, nesta forma renovada, com a qual a autora nos presenteia.

"Na escrita, como na escuta analítica, a imagem é a modalidade experiencial que afeta a linguagem trazendo, embora encoberta, a presença de algo que permanece inapreensível pelas palavras e despertando nelas a sua liberdade metafórica. No limiar entre o sensorial da imagem e a abstração da linguagem verbal, a figura é recepção, trânsito e transformação, ponto de encontro, passagem de mão dupla que suspen- de a imagem de sua fascinação perceptiva e, ao mesmo tempo, introduz o sensível nas pretensões totalizantes da linguagem⁷."

Noemi Moritz Kon (Noni) é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora em Psicologia pela USP, e autora de *Freud e seu Duplo, Reflexões entre Arte e Psicanálise*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

NOTAS

1. E. B. Pereira Leite, *A Figura na Clínica Psicanalítica*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, p. 17.
2. *Idem*, p. 19.
3. *Idem*, p. 25.
4. *Idem*, p. 202.
5. *Idem*, p. 200.
6. *Idem*, p. 168.
7. *Idem*, p. 190.